



## **Criação e Missão Uma resenha de duas obras - Parte 2**

*O mundo perdido de Adão e Eva, por John H. Walton  
Templo e a Missão da Igreja, por G. K. Beale*

*por Tim Carriker*

## 2

**Beale, Gregory K.**<sup>1</sup> *Templo e a Missão da Igreja: Uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus.* Este autor desenvolve uma teologia bíblica do templo e do tabernáculo no intuito de demonstrar a sua relevância para a missão da igreja. Depois da uma introdução ao assunto, o livro se divide nos seguintes capítulos:

1. Simbolismo cósmico dos templos no Antigo Testamento
2. O propósito expansionista dos templos no Antigo Testamento
3. O propósito escatológico de expansão dos templos no Antigo Testamento
4. O cumprimento “já e ainda não” do templo escatológico em Cristo e seu povo: os Evangelhos
5. A inauguração de um novo templo no Livro de Atos
6. A inauguração de um novo templo nas Epístolas de Paulo
7. O templo em 2 Tessalonicenses 2
8. A inauguração de um novo templo em Hebreus
9. O templo de Apocalipse que abrange o mundo inteiro
10. O templo em Ezequiel 40—48 e sua relação com o Novo Testamento
11. Conclusões teológicas: O Templo físico como prefiguração da presença de Deus e de Cristo como o verdadeiro templo
12. Reflexões sobre o Éden e o templo e suas implicações práticas para a igreja do século 21

Um ponto muito positivo do ponto de vista hermenêutica de uma teologia bíblica é o seu início a partir do final da revelação bíblica de Apocalipse 21 e 22. Positivo porque a teologia bíblica desenvolvida parte de um pressuposto de um princípio literário: toda narrativa bem contada desemboca na sua conclusão (parece dizer o óbvio). Ou seja, a conclusão conclui o enredo mais abrangente da narrativa. Assim, Beale, talvez sem perceber, identifica este enredo mestre em termos da temática da criação/nova criação e a chegada final da presença de Deus entre o seu povo, uma presença que levanta também a temática do templo. Na elaboração do seu estudo, Beale conclui que os temas do Éden, do templo, da presença gloriosa de Deus, da nova criação e da missão da igreja são, em última análise, facetas da mesma realidade (p. 13).

Na sua introdução, uma chave para interpretar o Éden de Gênesis 2 em termos do templo vai da profecia em Ezequiel 40—48 das dimensões e características do futuro templo usando identificando este com o Éden a semelhança de Apocalipse 21—22. Assim, Beale identifica o novo céu e a nova terra de Apocalipse 21.1 com a Nova Jerusalém de Apocalipse 21.2 e 21.9—22.5 que, por sua vez, nada mais é que o tabernáculo de Deus como a presença especial de Deus descrito através de Apocalipse 21 todo. Citando o Salmo 78.69 e Êxodo 25.9, 40, o autor afirma que “a justificativa para a natureza global e abrangente do templo paradisíaco de Apocalipse 21 baseia-se na antiga ideia de que o Templo da AT era um microcosmo do céu e da terra como um todo” (p.41).

---

<sup>1</sup> PhD, Universidade de Cambridge, Beale é professor de Novo Testamento e de Teologia Bíblica pelo Seminário Teológico de Westminster.

Minha tese é que o Tabernáculo e os templos do AT foram simbolicamente projetados para apontar para a realidade escatológica cósmica de que a presença de Deus, antigamente limitada ao Santo dos Santos, deveria se estender por toda a terra. Com base nesse pano de fundo, a visão de Apocalipse 21 é melhor entendida como retratando o último templo do fim dos tempos, que preencherá todo o cosmo. (p. 33)

Os argumentos são longos, detalhados e bastante convincentes, envolvendo o tempo da construção do templo, as peças do tabernáculo, templo e até a roupa dos sacerdotes entre outras coisas. Ao mesmo tempo, Beale admite que há poucas passagens bíblicas que *explicitamente* apoiam a tese do templo cósmico, e cita Isaías 6.3 como uma delas: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória” (p.63). Ele entende que “esta ‘glória’ é o esplendor divino por meio do qual Deus manifesta sua presença no templo” (p.63).

Em parte, a semelhança do Walton, Beale se baseia também nas evidências arqueológicas: “Sabe-se hoje que ruínas arqueológicas e textos do Antigo Oriente Próximo retratam templos da Antiguidade como pequenos modelos de templos celestiais ou do universo concebido como um templo” (p. 66). E dá muitas ilustrações nas páginas seguintes. E isto é uma grande contribuição do livro de Beale. Entretanto, do ponto de vista da *teologia bíblica*, as suas conclusões não são suficientemente aprofundadas:

O efeito cumulativo dos paralelos anteriores entre o jardim de Gênesis 2, o Tabernáculo e o Templo de Israel indica que o Éden foi o primeiro templo arquetípico, em que se basearam todos os templos de Israel. (p. 103)

Walton não chega a mesma conclusão, apesar de afirma as semelhanças entre o segundo relato da criação acerca do Éden e a construção do Tabernáculo e do Templo de Israel. Ao invés disto, entendi que a redação de Gênesis 1 e 2 se configura explicitamente em termos da presença de Deus pelo meio que os ouvintes originais na época de Moisés iriam entender melhor: a construção do Tabernáculo e do Templo. Assim, poderia perfeitamente inverter a tese de Beale e dizer que *o Tabernáculo e o Templo foram concebidos e construídos para lembrar Israel que o “serviço” e a “vigilância”<sup>2</sup> sacerdotais ao Senhor é uma e ao mesmo tempo um serviço e vigilância pela criação de Deus*. Esta é a conclusão tanto do John Walton quanto do Christopher Wright e N.T. Wright que Beale não afirma. Para chegar a conclusão do Walton e os dois Wright, a interpretação passa pela interpretação dos autores do Novo Testamento a respeito do papel de Cristo como o “último” Adão que cumpre o papel dada para a humanidade em Gênesis 1.26, um discurso negligenciado por Beale<sup>3</sup> justamente porque o enfoque dos últimos dois está no templo (e assim buscam passagens no Novo Testamento que fazem vínculo com o templo) e não na função e papel do Último Adão como o cumprimento do papel do “primeiro” Adão.

---

<sup>2</sup> Dos verbos “cultivar” (*‘abad*) e “guardar” (*šamar*) de Gênesis 2.15, que por se referirem em *algumas* outras passagens ao serviço a Deus, sacerdotal ou não, Beale e Chung concluem que o objeto direto dos verbos em Gênesis 2.15 também é Deus e não o jardim em si.

<sup>3</sup> Por outro lado, veja as excelentes observações de Beale nas páginas 147-153 e o seu capítulo 5 que trata mais extensivamente o papel de Cristo.

Não me entenda mal. Há  *muito* proveito na leitura do livro de Beale. Apenas as conclusões teológicas precisam ser debatidas melhor e um bom começo para este debate seria comparar suas conclusões com aquelas do John Walton, Christopher Wright e N. T. Wright. Mesmo assim, muitas das suas afirmações são muito perspicazes. Por exemplo, a seguinte afirmação do Beale é certa:

De fato, podemos falar de Gênesis 1.28 como a primeira “Grande Comissão” que foi repetidamente transmitida à humanidade. A comissão deveria abençoar a terra, e parte da essência dessa bênção era a presença salvadora de Deus. Antes da Queda, Adão e Eva deviam gerar descendentes que encheriam a terra com a glória de Deus refletida por cada um deles, os quais haviam sido feitos à imagem de Deus. Depois da Queda, um remanescente criado por Deus à sua imagem restaurada tinha de sair e espalhar a presença gloriosa de Deus entre o restante da humanidade em trevas. Esse “testemunho” deveria continuar até que o mundo inteiro estivesse cheio da glória de Deus. (p.177).

Eu apenas esclareceria que a comissão mesma começa Gênesis 1.26 que qualifica e faz sentido dos dois versículos seguintes (mais sobre isto abaixo).<sup>4</sup> Por causa deste enfoque da relação entre os relatos da criação, especificamente Gênesis 1.28 e o relato em Gênesis 2 acerca do Éden, Beale foca a sua análise do testemunho do Novo Testamento justamente no cumprimento do templo e da presença de Deus e faz isto extensivamente nos capítulos 5 a 12. Entretanto, diferente do N.T. Wright acima, ele não elabora como Cristo cumpre a incumbência dada para Adão em Gênesis 1.26 de “dominar” ou governar a criação de Deus, algo que Paulo trata em Efésios 1.10, 20-23; Colossenses 1.13-20; 1 Coríntios 15.20-28<sup>5</sup> e Romanos 8.18-25<sup>6</sup>. Logo a *maneira como* e a *razão* da multiplicação da imagem de Deus em Gênesis 1.28, interpretada teologicamente (e corretamente) como a expansão da glória de Deus não encontra o seu meio: reinando sobre a criação de Deus em termos de cuidado como o maior testemunho missionário que Deus nos deixou (Salmo 19). O proveito destes capítulos 5—12 e do resto do livro de Beale é imenso. Falta fazer o elo com Gênesis 1.26.

Para Beale, a imagem de Deus no ser humano se define pela ordem de *multiplicar-se e ser fecundo* e esta multiplicação da imagem de Deus se traduz em evangelização mundial, já que, ao evangelizar, o ser humano caído se transforma em ser humano resgatado e resgatado à imagem de Deus. Como mencionado acima, a tese em si é interessante e competente. Entretanto, ela ignora a colocação de Gênesis 1.28 dentro do seu contexto imediato, especialmente Gênesis 1.26 onde

---

<sup>4</sup> Para Beale, “o paradigma controlador *ao longo deste estudo* foi Gênesis 1.28 em sua relação com o jardim do Éden em Gênesis 2” (ênfase acrescentada, p.637).

<sup>5</sup> Para a uma exegese elaborada de 1 Coríntios 15.20-28 veja capítulo 4 do meu *A missão apocalíptica de Paulo. Uma hermenêutica missiológica*. São Paulo: Abba Press, 2007, uma republicação de “A hermenêutica escatológica de Paulo: 1 Coríntios 15.23-28” in *Fides Reformata*, Volume 5, Número 1 (2000), pp. 117-134.

<sup>6</sup> Veja especialmente o meu *Teologia bíblica de criação. Passado, Presente e futuro*. Série: Um livro, uma causa. Viçosa: Ultimato, 2014. Edição eletrônica (E-Book gratuito: <https://www.ultimato.com.br/loja/produtos/teologia-biblica-da-criacao-ebook>).

se menciona pela primeira vez a imagem de Deus. Uma sequência mais adequada destes três versículos se segue:

1. Gn 1.26 – “Então Deus disse, ‘Façamos o ser humano na nossa imagem, conforme a nossa semelhança para que eles possam governar sobre os peixes do mar e as aves dos céus, sobre o gado, e sobre toda a terra e sobre todas as criaturas que rastejam sobre a terra’” (tradução literal minha). Observação gramatical: Após a coortativa (*na’séh* = “façamos”), a forma verbal prefixada com *vav* (uma única letra *v*) conjuntiva indica propósito/resultado (ver Gn 19.20; 34.23; 2 Sm 3.21). Também o verbo, “governar” ou “dominar” (*rādāh*), é gramaticalmente jussiva somente no seu significado e junto com o *vav* coortativa traduzimos: *para que possam governar* ou *para que governem*. O propósito de Deus ao dar à humanidade sua imagem é que eles possam governar a ordem criada em nome do rei celestial e de sua corte real. Portanto, a imagem divina, seja como for definida, dá à humanidade a capacidade e/ou autoridade para *governar a criação*. Esta é também a interpretação hebraica encontrada no Salmo 8.
2. Gn 1.27 – “Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher os criou” (tradução da NAA). Este versículo é a transição em o versículo anterior e o posterior, já sugerindo a partir da existência de dois gêneros (v.27), como o governo “sobre toda a terra” (v. 26) irá acontecer, isto é, pela sua reprodução, a multiplicação (v.28).
3. Gn 1.28 – “E Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na. Tenham domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.’” A lógica dos três versículos se revela: Pela ocupação da terra (a mesma ordem dada posteriormente para Abraão) por meio da sua reprodução, a humanidade terá as condições de cumprir a ordem de Deus no v. 26 de governar toda a terra e *assim* Deus será glorificado não só pela *existência* e multiplicação da sua imagem (posteriormente, a evangelização mundial), e sim, por meio desta existência, a possibilidade exercer a função da imagem em termos de governo sobre a criação de Deus.<sup>7</sup> Aliás, vale reparar que Gn 1.26 segue Gn 1.1-25, que por sua vez relatam como Deus “arrumou” a sua casa, isto é, ordenou e governou sobre a criação. A imagem de Deus no ser humano seria um espelho desta mesma função, como vice-regente debaixo da regência mor do Soberano Criador. Agora, a linguagem de Gênesis 1 e 2 seria entendido pela sua audiência original pelas categorias do templo? Sim! As pesquisas exaustivas de Walton e Beale não deixam dúvida disto. Mas categoricamente não à exclusão do mandato criacional<sup>8</sup> de Gênesis 1.26. Beale, de certo modo, é culpado também de diminuir ou simplesmente não reparar a significância de Gênesis 1.26 como o início do mandato.

Claro que o leitor pode e deve procurar tirar as suas conclusões da sua própria leitura destes dois livros valiosos.

---

<sup>7</sup> Além do mais, vs.29-30 ressaltam mais ainda a relação da humanidade com a criação, inclusive como o governo humano sobre a criação ocorrerá na prática debaixo da benevolência do Criador.

<sup>8</sup> Frequentemente denominado “mandato cultural” via o holandês Abraão Kuyper, e reconcebido como “mandato missionário” pelo Chung pensando mais no versículo 28.